

Diferentes formas de existir e de agir

Meio dos anos 70.

O telefone toca, assustada respondo: Nossa, mas para quando mesmo? Amanhã?

Qual a idade do aniversariante?

Corro e ligo para minha sócia, Lili: nosso anúncio saiu na revista Cláudia, e já temos uma festa agendada para amanhã. Amanhã????? Ela paralisa.

Corremos como loucas para dar conta de improvisar roupas, atividades e brincadeiras para o inesperado evento.

De um estrado de cama velho surgiu um teatro de fantoches e de uns tecidos coloridos de cetim duas fantasias enormes com golas pomposas de tule. A maquiagem estava garantida pelas mãos da habilidosa irmã.

E assim, sem perceber, acho que ali surgiu minha carreira de animadora cultural.

Nascia o palhaço Minduim – parceira do palhaço Pituba. Duas futuras psicólogas e também animadoras incansáveis de festas.

Muitas festas se passaram, muitas técnicas aprendidas, inventadas e criadas fizeram parte desse universo novo na época - de uma mocidade recheada de surpresas.

E a maior delas foi quando chegamos para animar uma festa de 1 ano: Minduim e Pituba chegam na festa, e uma sinfonia de berros de nenês as recebem.

E agora? As crianças fugiram todas dos palhaços.

Sem muito pensar, improvisamos jogos de salão e convidamos os adultos a participar. Brincadeira da cadeira, de adivinha, boliche de latas, passa por baixo da corda e dança equilibrando a maçã na testa fizeram a alegria dos

marmenjos que naquela época foram pegos de surpresa. E a maior surpresa: os nenês felizes, acompanhando com os olhos brilhando os pais brincando.

Depois dessa experiência, todas as festas seguintes foram intergeracionais; muitas gerações unidas e prontas pra brincar. Nenhuma mágica é preciso ser feita – é só convidar, que a criança de cada um sai eufórica a participar!

Muitos anos se passaram e a vida nunca mais foi a mesma. Havia sempre uma novidade, uma mágica, um jogo novo e/ou uma nova brincadeira pronta para ser testada e aprendida.

Lembrei desse meu passado, quando preparava material para as atividades da Instituição de Longa Permanência que trabalhava desenvolvendo Oficinas para idosos com Alzheimer, e agora criando Oficinas para idosos junto aos jovens. Senti um déjà vu.

Uma usina de ideias chegou junto a essas recordações e uma luz me iluminou, me alertando e autorizando a usar e abusar de todas as formas e oportunidades de fazer gente sorrir!

Apresentação de parte da pesquisa de Pós-doutorado na PUC-SP, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia, que teve início neste ano, intitulada: SENSIBILIZAR, CAPACITAR E REINVENTAR – para um Programa de boas práticas cotidianas a partir de relações intergeracionais entre jovens em situação de vulnerabilidade social e idosos, tendo como orientadora Dra Flamínia M. Ludovici.

O aumento da Longevidade é fato – e as projeções são impactantes. Até 2050, segundo a OMS o mundo terá 2 bilhões de idosos.

A demógrafa Camarano, por sua vez, nos alerta para essa diminuição da proporção da população entre jovens e velhos – que segundo o IBGE (2010), teremos 173 idosos para cada 100 jovens até 2050.

Daí me pergunto: quem vai cuidar de quem?

É preciso pensar nessa potencial lacuna. Lacuna já observada durante a minha pesquisa de doutorado, onde constatei não só a falta de atividades oferecidas para os idosos dentro das ILPIs (Instituições de Longa Permanência) como a falta de pessoas capacitadas para auxiliá-los.

Com a oportunidade de estágio doutorado – bolsa sanduíche em Portugal, pude conhecer uma nova realidade: os agentes sócio culturais de idosos.

Na maioria, jovens, formados, capacitados para trabalharem com crianças, jovens e idosos. Lá esse profissional é chamado de animador sociocultural. Eles Buscam desenvolver atividades diversificadas, individualizadas e/ou em grupo, daquela comunidade, de acordo com suas preferências, sua história e sua singularidade.

Trabalhando no Centro Dia Pasárgada – em São Paulo, da colega e amiga Vanesa Idargo, uma Instituição que busca respeitar a individualidade de cada idoso – proporcionando atenção especial ao idoso que se encontra em situação de fragilidade, e conhecendo o Projeto Quixote, vislumbrei uma oportunidade: envolver os jovens e idosos em um projeto comum. Um desafio instigante: sensibilizar e capacitar esses jovens para se tornarem agentes socioculturais de idosos - um desafio que pode colaborar para a construção de uma nova realidade para ambos os segmentos. Num momento, onde cada vez mais verificamos o distanciamento entre as gerações.

Para empreender tal tarefa fui buscar parceria do Projeto Quixote (já conhecido anteriormente devido a meu envolvimento de t. Voluntário anteriormente por 3 anos, em 2007). Para quem não conhece, o Quixote é

uma ONG, uma OSCIP (Organização da sociedade civil de interesse público). Funciona desde 1996 – e tem como missão estimular crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social para construírem uma outra história de suas vidas. O Quixote funciona em 5 frentes, 5 Programas: P. Pedagógico, Clínico, Atenção à família, Formação para o mundo do trabalho e os Refugiados urbanos.

Formas de abordagem: inicialmente quando a criança e/ou o jovem chega ele vai para o acolhimento. Lá ele recebe um olhar global e vai junto com os educadores escolhendo Oficinas e descobrindo interesses. Junto a isso, recebe atendimento clínico, psicológico, jurídico, odontológico e pedagógico.

Há toda uma atenção voltada para essa criança e/ou jovem. Do que essa criança precisa? O Projeto Quixote é um espaço de reflexão, troca e criatividade, e aposta na arte como meio de expressão e inserção social.

O que o jovem gosta de fazer?

Nas brechas de suas manifestações, aparece o sujeito que precisamos capturar e envolver nas atividades propostas.

Para me aprofundar melhor nos conceitos - valores dessa Instituição, - participei como aluna do curso de 3 meses oferecido no Projeto: “Conceitos e Manejos Pedagógicos – para o atendimento de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social” (1º semestre de 2016). Um curso que acontece nos moldes do próprio Projeto, isto é, na mesma dinâmica. Enquanto alunos do curso, também passamos pela experiência de sermos acolhidos, experimentamos várias oficinas, brincamos, socializamos com os colegas, criamos novas atividades e novas Oficinas. Se eu pudesse escolher uma música para representar o Projeto Quixote seria a música... “Gospel lullabay”.

A palavra chave para representar: acolhimento, que significa “aceitação incondicional do outro. Como diria a filósofa Hanna Arendt (2003): “A aceitação da posição do outro” é uma virtude política”- um ato de solidariedade. E no Quixote a aceitação de cada criança que lá chega é incondicional, e se dá na prática pelo acolhimento. Um acolhimento que visa ganhar a confiança necessária para o educar.

E educar no sentido de Paulo Freire quando diz: “Não se pode falar de educação sem amor”. (1997)

Estimular

Resgatar o brincar, condição humana perdida muitas vezes por essa infância e adolescência que vive uma outra realidade.

E através do brincar, é que a criança e jovens absorvem os efeitos das estratégias para seu socializar.

Aprendem a dividir e a compartilhar seus sentimentos, seus desejos, suas dificuldades

Criar – liberando suas energias criativas

Imaginar – fazer uso da fantasia – proposta de levá-los a voltar a sonhar...

São ações sempre permeadas de apoio incondicional.

Estimulando a criatividade, ampliando possibilidades de ações, buscando soluções, integrando-os na sociedade e incentivando-os a criar suas próprias asas para voar do seu próprio jeito.

Todas essas ações acontecem durante as atividades, nas diferentes oficinas, nesses encontros. Como cita o educador e filósofo espanhol J.B.Larrosa, é na experiência que se valoriza aquilo que nos toca, nos atravessa e nos afeta. Nesse afetar durante a experiência é que adquirimos o conhecimento.

“A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.”

A experiência é o contrário da informação.

Nessa direção, ao idealizar as Oficinas para sensibilizá-los quanto a temática do idoso - priorizei para que cada jovem passasse igualmente pela experiência, e acordasse para o que lhe passa, o que lhe afeta, o que lhe toca. Ampliando assim possibilidades de ação: Oficinas desenhadas não só para os idosos, mas também para os jovens que nelas encontram o autoconhecimento e novas formas de interagir com a vida. E dessa forma, cumprir o objetivo da pesquisa de reunir e aplicar estratégias em novas ações de jovens para assumirem o papel de agentes socioculturais de idosos.

Foram quase 20 encontros até agora, várias oficinas experimentadas pelos jovens – cumprida a tarefa inicial de sensibilizar os jovens – no sentido de favorecer as relações entre as gerações: jovens e idosos, tão necessária nos dias de hoje (Ferrigno, 2009)

Segundo passo: convidar idosos do Centro dia Pasárgada para atividades intergeracionais “quixotescas”. Tres eventos já foram realizados – e os resultados têm sido muito bem-sucedidos.

Metodologia – Baseada na teoria da Pesquisa-ação, em que se prevê uma série de atividades, oficinas que, no decorrer do tempo, são testadas, alteradas e adaptadas às demandas que forem surgindo.

Metas esperadas (iniciais) – que de fato já ocorreram: sensibilização, aderência e mobilização dos jovens para sua adesão/ engajamento em torno das atividades: criação e oferta de oportunidades socioculturais para os idosos, ligados ao Centro Dia Pasárgada. Ações que visam sua integração, aproximação e atividades conjuntas de ambas as gerações, a consequente redução de inatividade e o ganho de sentido para a vida.

A seguir alguns exemplos de Oficinas:

“Projeto de vida” - motivada pela pergunta: Como eu me vejo daqui a um ano? Fato curioso; desejo manifesto pelos jovens de ajudar o próximo, o que foi citado quer em trabalho voluntário, quer em ajudar, animais abandonados.

Oficina dos Sentidos (visão, audição, tato, olfato, paladar) – garantir a experiência – parar para olhar, olhar mais devagar, sentir, sentir mais devagar,

Oficina de memória – estímulo à criação de novos jogos.

Oficina de Cinesiologia – trabalhando o corpo, para os jovens se darem conta do cuidado de si, de seu corpo também. Entenderem que não só o velho precisa cuidar de seu corpo. Todos sofremos perdas ao longo da vida. Perdas de várias ordens. Faz parte do humano, como afirma o psicanalista francês Jack Messy(1993)

Oficina culinária – unificar interesses geracionais - é, segundo Ferrigno (2009), uma das condições facilitadoras para a aproximação entre as

gerações– potencializar a expressão conjunta do jovem e do idoso. De um lado, idosa do Pasárgada e de outro, jovens do Quixote. Uma ação que produziu deslocamento, adaptação, empoderamento da idosa, socialização e afetividade.

Outra condição é a predominância das relações igualitárias entre velhos e mais jovens:

“Quando duas culturas se defrontam, não como predador e presa, mas como diferentes formas de existir, uma é para a outra como uma revelação”. Ecléa Bosi (2003)

Revelação = como algo que nos acrescenta, nos modifica, mas sem imposição – uma oportunidade de incorporar novos conhecimentos.

Como aponta Ferrigno (2009), há ainda muitas resistências a serem vencidas:

Vários fatores que contribuem para o distanciamento entre as gerações:
Áreas reservadas para crianças, jovens, asilos, creches, locais de lazer....

O distanciamento entre as gerações – enfraquece a transmissão do conhecimento entre as gerações.

As gerações vivem segregadas em espaços exclusivos (Ferrigno, 2009).

“O que torna tão difícil suportar na sociedade de massas não é o número de pessoas que ela abrange – mas a incapacidade de mantê-las juntas, de relacioná-las umas às outras” Hanna Arendt (2003)

A invisibilidade dos velhos – diante dos jovens e da sociedade em geral (Moscovici, 2003)

A indiferença dos velhos em relação aos jovens. Segregação do próprio idoso, preconceito - resistência por parte do idoso > que por parte dos jovens.

Um dos benefícios desse trabalho para o jovem: Preparação para o envelhecimento. Conviver com a velhice e o processo de envelhecimento que é inerente à condição humana.

Um dos benefícios do idoso ao conviver com o jovem a meu ver: é saborear da juventude que ainda reside em sua alma.

Quando perguntaram a Cora Coralina, Qual a sua idade?

“Eu tenho todas as idades dentro de mim, a da menina, a da moça e a da velha.”